

De repente, um sonho, uma visão...

Nair Lacerda ♦

Colaboradora

Eis a história, tal como me foi contada: “Ela tivera um dia de trabalho, mais penoso, mais difícil do que de costume. Aliviara penas alheias, resolvera problemas alheios e voltava agora para a sua casa, trazendo seu cansaço aumentado e seus próprios problemas intactos. Na penumbra da sala estirou-se num divã, a cabeça como que vazia, os olhos perdidos, sem ver, na parede fronteira. Quantos minutos se terão passado? Não saberia dizer. Teria adormecido? Também disso não sabe. E até hoje não entende se foi sonho ou visão.

Sabe que a parede desapareceu, como que diluída na sombra. E diante dela abriu-se um jardim, um imenso jardim de delícias, verde, prateado, as árvores pejudas de

frutos, os ares cortados de asas, os caminhos varridos de sol. Cor, brilho, música, paz, mansidão, nas coisas como nos animais. E ali, solitário, dono e senhor de toda aquela opulência, alguém, cujas formas se recortavam contra a luz como as de um ser humano.

Esse alguém falava, e dizia: “Não! Não quero de graça este Paraíso! Preciso ganhá-lo, preciso senti-lo meu, não como dádiva divina, mas como resultado da minha luta, da minha dor. Só assim poderei amá-lo, só assim poderei merecê-lo”.

Então, a paisagem dissolveu-se. Era, agora, extensão infinita, como que estrada sem margens, a subir, serpenteando, em direção a um ponto muito alto, envolto em névoa. Uma estrada árida e escampada. Aquele ser, que era uma silhueta sem rosto, pôs-se a caminhar

por ela. Um instante depois, outras silhuetas apareceram, como que se destacando dele. O grupo multiplicava-se, crescia, faz-se multidão.

A mulher deitada no divã sabia que ali estavam santos e mártires, prostitutas e assassinos, sábios e idiotas, toda uma infinita gama de amores e de ódios, de traições e de lealdades, de apatias e de lutas. Viu assassínios, viu violências, viu abnegações, viu infâmias, viu heroísmos. Mais do que isso. “Foi” cada uma daquelas silhuetas, viveu cada uma daquelas vivências, desceu de todas as glórias, bebeu em todos os cálices, usou todos os silícios, aceitou todos os sacrifícios, cometeu todos os crimes.

Aos poucos, a multidão foi diminuindo, se adelgaçando, e o caminho ascendente agora alcançava o cume, sempre envolto em névoa.

E as silhuetas continuaram a desaparecer, como que se fundindo uma às outras, até que só uma ficou, e era a que deixara o jardim de delícias, a que iniciara a jornada.

Brilho ofuscante iluminou a névoa que pousava no alto da colina e esse brilho deu forma e rosto à sombra caminheira. De pé, voltada para a luz, ali estava aquele que vivera todas as vidas. Fugindo ao molde de barro, fizera, rudemente, duramente, o seu caminho... Tinha cicatrizes no corpo, mas estrelas nos olhos. Era, agora, um homem.

E erguia os braços para a névoa esplendorosa, aguardando que para suas mãos viesse, por direito de conquista, o Paraíso que ele próprio criara”.

Foi um sonho? Foi visão?

Nair Lacerda ♦ é colaboradora.